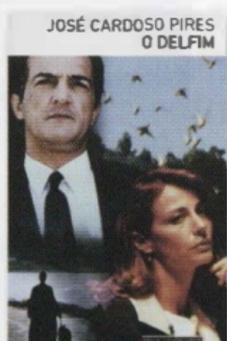


# Observação, proporção

40 anos de  
**O Delfim**



Suspensão. O tempo fica suspenso sobre a Gafeira como uma nuvem que avisa os caçadores sobre o mau tempo que se aproxima ou, pelo menos, que não se afasta. Prenúncio de tempestade – 28 anos depois da primeira leitura de *O Delfim* regresso ao livro de José Cardoso Pires e a impressão não mudou: deslumbramento, suspeita, mistério, como um filme (de Fernando Lopes) onde os personagens se movem sempre a partir da sombra, partindo e chegando com novidades, acrescentando dados para um leitor a quem o narrador – o escritor transformado em personagem – agradece para seguir em frente.

O modelo é esse: suspender o tempo para melhor o reter, explicar. Para poder voltar a ele e resolver «o mistério da Gafeira», esse amor improvável de Tomás Manuel Palma Bravo e Maria das Mercês, o do triângulo formado com Domingos, o mestiço sem um braço, o do extraordinário mundo da lagoa – fonte de vida e de morte, ligada ao mar por uma «membrana de areia que corta a linha das dunas» –, o do país redondo e vagamente rural, e sempre aquela obsessão acerca do pormenor, do pequeno diálogo, da informação recolhida com minúcia e disciplinado rigor.

Falar da «informação recolhida» não é um acaso em se tratando de *O Delfim*: o escritor-personagem («Nenhum escritor nasceu para complicar a vida. [...] Nenhum escritor nasceu para complicar a porca desta chatice em que andamos metidos. E os *barmen* ainda menos.») é um detective que renasceria depois na figura do inspector Elias (de *Balada da Praia dos Cães*), recolhendo sinais, ordenando e reordenando as suas memórias – ou como um caçador, imagem ainda mais perfeita, se me permitem, pois é à caça que ele vai para a Gafeira, um ano depois de ter conhecido o eng.º Palma Bravo, aliás o Infante, aliás o Delfim.

Vinte e oito anos depois fico sitiado diante de um dos melhores romances escritos na nossa língua e preso nessa lição de ironia, observação, sentido da proporção. Ironia, permanente: o senhor escritor ri-se abundantemente de si mesmo (José Cardoso Pires *himself*), desconfia bravamente desse país rural de estalajadeiras e maledicências, improvisos e regedores. Observação, permanente: cada detalhe, cada sombra, cada ruído, cada descrição da lagoa e das suas neblinas, sem nunca ceder ao dicionário dos adjetivos, alertando para o nó de uma corda, para o risco de vinho num copo, para um grão de areia. Sentido da proporção, permanente, superior: só um grande mestre podia ter poupado, até ao nervo, até ao limite, aquele diálogo final entre Tomás e Maria das Mercês, planeando o banho na lagoa – coisa mais perfeita, mais digna, mais luminosa. E sentido da proporção ainda, quando a história – posta a flutuar, longe dos emblemas do «realismo vulgar» – se solta como um retrato vivo, raro, desinteressando-se da literatura propriamente dita e afinando as guitarras para o pobre fado que o eng.º Tomás nunca chegaria a ouvir. ■

Francisco José Viegas